

## **“... córrego pro rio, do rio pro mar...” ou A Décima Quinta margem do rio \***

\*(Texto escrito para o Projeto de extensão: Oficinas terapêuticas, suas histórias e práticas: transmitindo a psicanálise na universidade realizado em 27 e 28/08/2010 Uberlândia MG)

*Ana Paula C. Scagliarini*  
(psicóloga, acompanhante terapêutica)

Os labirintos da memória trazem contornos de cenas vividas como participante da primeira turma do estágio de Oficinas Terapêuticas oferecido pela Professora Maria Lúcia, em 1992.

### **Cena 1: Guimarães Rosa: as margens e Sorôco, o ser oco.**

Seleção do estágio é realizada com a leitura dos contos *A terceira margem do rio* e *Soroco, sua mãe, sua filha* e uma discussão sobre os mesmos.

Expansão e desdobramento das margens.

A possibilidade de contato com o Humano e a loucura a partir da literatura.

Hoje a confirmação de que literatos, cineastas, artistas, traduzem o Humano de forma muito mais abrangente, delicada, poética e real, que todos os livros técnicos juntos.

### **Cena 2: Curitiba e o brigadeiro, Campinas e a(s) Vivência(s)**

Visitas as clínicas para conhecer a rotina e as oficinas terapêuticas das mesmas.

Em Curitiba, clínica com a maioria de drogaditos. Experiência de plantão a noite, discussão de casos com equipe. Praticamente uma internação junto com os pacientes. A única saída era no meio da tarde ir até a padaria na esquina e comer brigadeiro. Momento de respirar, liberdade.

Na Vivência, a comunidade terapêutica era mais leve, mais aberta.

Experiência única que depois se desdobrou em um ano de estágio junto com especialização na PUC-CAMP em 1994.

### **Cena 3: Uma criança pode ser uma assassina?**

Oportunidade de fazer observação de bebês e a cena da criança mais velha com a escova de cabelo supostamente fazendo o gesto para pentear os cabelos do bebê recém nascido, mas com uma força desmedida que poderia machucar. Ambigüidade chocante!

### **Cena 4: O encontro com o Estranho.Uma andarilha.**

Uma andarilha chega até a clínica de Psicologia da UFU. Converso com ela na parte de trás das salas de atendimento. O medo avassalador. Ninguém ajudava muito. Ela bateu no muro das dificuldades de todos para suportar essa diferença que se traduzia na aparência física e na dificuldade de encaixe nos dispositivos criados.

### **Cena 5: A invenção do fazer**

Não havia nada pronto. Nem pacientes direito!

Tenho a lembrança de materiais escassos, de poucos pacientes, dos enfrentamentos com o próprio espaço e materiais da clínica.

Acredito que a Arte, nas suas experimentações, invenções, liberdade por muitas vezes absurdamente angustiantes, é que foi dando o contorno da construção do estágio. Surgiram aos poucos os atendimentos, e além das oficinas propriamente ditas, aconteceram também nas modalidades individual, familiar, domiciliar.

Íamos descobrindo como fazer, fazendo.

Me lembro perfeitamente de minha angustiada e raivosa espera.

Esperar acontecer, esperar e suportar a sensação ou a ilusão da paralisia no momento em que o tempo está grávido do novo.

### **Cena 6: Os desdobramentos e as parcerias**

Hoje eu trabalho com Psicodrama. Com ele vivo os paradoxos entre a arte e a ciência, entre o intra e o inter psíquico, o indivíduo e o grupo e para além disso, buscando a espontaneidade criadora na clínica.

Sou acompanhante terapêutica no grupo Trilhas. Fizemos aniversário de 15 anos de trajetória em Julho de 2010.

Foi no estágio que vi pela primeira vez num papel colado, o convite para um encontro de At's.

Um dos momentos mais interessantes que vivi como at foi atendendo uma paciente, que na época, foi diagnosticada Borderline.

Isso me fez lembrar de um pedido da Maria Lúcia para transcrever umas fitas de uma palestra sobre Borders que eu nunca cumpri.

No Trilhas também fizemos, desfizemos e refizemos o espaço de Oficinas, criamos momentos para discussão com os parecidos psis e com os diferentes saberes, circulamos pela cidade brincando de jogar com o acaso nas Derivas.

Fomos convidadas como at's para participar durante um tempo do estágio, por volta de 1995.

Foi um encontro com a Maria Lúcia num boteco numa esquina-encruzilhada que me fez vir dar aula aqui na UFU como substituta.

E em 2000 fizemos uma parceria super legal para concretizar o pré congresso internacional de AT em 2007.

Posso afirmar que os fundamentos de minha prática hoje se traduzem na procura por pensar nas amplitudes de intervenções, possibilidades de conexões interdisciplinares, abertura para uma idéia de Psicologia muito mais abrangente e próxima do real, o fazer, a ação: uma identidade profissional que busca, que está ativa nas reinvenções de sua prática.

Suportar a angústia da mesmice para a criação de trilhas por onde o novo pode passar.

## Cena 7: Sorôco, sua mãe , sua filha

Um trem com um vagão especial espera na estação para levar a mãe e a filha de Sorôco para o hospício em Barbacena.

Com sua melhor roupa, o homem traz as duas pelo braço. Uma multidão vem acompanhar esse triste espetáculo, mas todos tentam respeitar a dor de Sorôco. Inusitadamente, ambas começam a cantar uma canção que ninguém compreendia. Sorôco nem tem coragem de olhar para o trem quando este parte.

De repente, tomado pela dor, passa a cantar a mesma canção de suas familiares.

Toda a comunidade ali principia a cantar também e a acompanhar Sorôco.

<b>Luz</b>				<b>do</b>					<b>sol</b>
Caetano									Veloso
Luz				do					sol
Que	a	folha		traga	e				traduz
Em				verde					novo
Em	folha,	em	graça,	em	vida,	em	força,	em	luz
Céu			azul			que			vem
Até	onde		os	pés		tocam	a		terra
E	a	terra	inspira	e		exala	seus		azuis
Reza,			reza			o			rio
Córrego	pro	rio	e	o	rio	pro			mar
Reza	a	correnteza,	roça	a	beira,	doura	a		areia
Marcha		o	homem		sobre	o			chão
Leva	no		coração		uma	ferida			acesa
Dono		do	sim		e	do			não
Diante		da	visão		da	infinita			beleza
Finda	por	ferir	com	a	mão	essa			delicadeza
A	coisa	mais	querida,	a	glória	da			vida
Luz				do					sol
Que	a	folha		traga	e				traduz
Em				verde					novo
Em	folha,	em	graça,	em	vida,	em	força,	em	luz